

## A PERSPECTIVA DA MULHER NEGRA E TRANSGÊNERO: UMA LEITURA DE COZY DE BEYONCÉ

*Rafael de Jesus Braz<sup>1</sup>*

**RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo explorar a perspectiva da mulher negra e transgênero na letra da música *Cozy* (2022), de Beyoncé, analisando como esta contribui para a construção de uma narrativa histórica, cultural e social mais inclusiva e diversa, bem como seu impacto na vida daquelas pessoas que se identificam com essa identidade. Para tanto, o objeto de pesquisa é analisado à luz dos conceitos de identidade, segundo Stuart Hall (2006); de feminismo, com base em bell hooks (1981) e Kimberlé Williams Crenshaw (1989); do poder da palavra, conforme Chimamanda Ngozi Adichie (2019); e da psicologia das cores, de Eva Heller (2013), entre outros. O estudo investiga como a identidade racial e de gênero do sujeito é representada, de que forma a letra enfatiza o orgulho e a autoaceitação dessas identidades e como essa mensagem promove uma narrativa positiva e empoderadora acerca da experiência de ser uma mulher negra e transgênero. A análise evidencia como a representação dessas identidades na letra da música pode contribuir para uma maior visibilidade e reconhecimento, desafiando estereótipos e preconceitos, além de impactar positivamente a autoestima e a autoaceitação desse grupo, revelando a complexidade e os entrelaçamentos das identidades de gênero e raça na narrativa apresentada.

**PALAVRAS-CHAVE:** Feminismo negro. Identidade de gênero. Transgêneridade.

## THE PERSPECTIVE OF BLACK AND TRANSGENDER WOMAN: A READING OF COZY BY BEYONCÉ

---

<sup>1</sup> Mestrando em Literatura e Práticas Culturais pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: rafael.jesusbraz@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-6236-6721>.

**ABSTRACT:** This paper aims to explore the perspective of Black and transgender women in the lyrics of Beyoncé's song *Cozy* (2022), analyzing how it contributes to the construction of a more inclusive and diverse historical, cultural, and social narrative, as well as its impact on the lives of those who identify with this identity. To this end, the research object is examined in light of the concepts of identity, according to Stuart Hall (2006); feminism, based on bell hooks (1981) and Kimberlé Williams Crenshaw (1989); the power of the word, according to Chimamanda Ngozi Adichie (2019); and the psychology of colors, by Eva Heller (2013), among others. The study investigates how the subject's racial and gender identities are represented, how the lyrics emphasize pride and self-acceptance, and how this message promotes a positive and empowering narrative about the experience of being a Black and transgender woman. The analysis demonstrates how the representation of these identities in the lyrics can contribute to greater visibility and recognition, challenge stereotypes and prejudices, and positively impact the self-esteem and self-acceptance of this group, highlighting the complexity and intersection of gender and racial identities in the narrative presented.

**KEYWORDS:** Black feminism. Gender identity. Transgenderity.

## LA PERSPECTIVA DE LA MUJER NEGRA Y TRANSGÉNERO: UNA LECTURA DEL COZY DE BEYONCÉ

**RESUMEN:** Este artículo tiene como objetivo explorar la perspectiva de la mujer negra y transgénero en la letra de la canción *Cozy* (2022), de Beyoncé, analizando cómo contribuye a la construcción de una narrativa histórica, cultural y social más inclusiva y diversa, así como su impacto en la vida de quienes se identifican con esta identidad. Para ello, el objeto de estudio se analiza a la luz de los conceptos de identidad, según Stuart Hall (2006); de feminismo, a partir de bell hooks (1981) y Kimberlé Williams Crenshaw (1989); del poder de la palabra, según Chimamanda Ngozi Adichie (2019); y de la psicología de los colores, de Eva Heller (2013), entre otros. El estudio investiga cómo se representa la identidad racial y de género del sujeto, cómo las letras enfatizan el orgullo y la autoaceptación de estas identidades y cómo este mensaje promueve una narrativa positiva y empoderadora sobre la experiencia de ser una mujer negra y transgénero. El análisis evidencia cómo la representación de estas identidades en las letras puede contribuir a una mayor visibilidad y reconocimiento, desafiar estereotipos y prejuicios, y impactar positivamente en la autoestima y autoaceptación de este colectivo, destacando la complejidad y el entrelazamiento de las identidades de género y raciales en la narrativa presentada.

**PALABRAS CLAVE:** Feminismo negro. Identidad de género. Transgenerismo.

## INTRODUÇÃO

Na esfera cultural, social e literária, as vozes e as experiências de mulheres negras e transgênero frequentemente foram negligenciadas, silenciadas ou inadequadamente representadas. No entanto, à medida que a sociedade avança em direção à luta por igualdade e justiça, a perspectiva e o reconhecimento das mulheres negras e transgênero emergiram como uma força poderosa e transformadora. Este movimento não apenas desafia estereótipos e preconceitos profundamente enraizados, mas também celebra as narrativas e contribuições dessas mulheres que há muito tempo foram subjugadas. Sendo assim, esta análise examinará a maneira como a voz de mulheres negras e transgênero está sendo trazida à tona na cultura contemporânea. Para tanto, analisaremos a letra da versão *clean* da música<sup>2</sup> *Cozy* (2022), presente no projeto intitulado *Renaissance* (2022) da cantora norte-americana Beyoncé.

Beyoncé Giselle Knowles-Carter, nascida em 4 de setembro de 1981 em Houston, Texas, é cantora, compositora, produtora musical, atriz e empresária afro-americana. Seu impacto cultural é vasto e profundamente significativo, não apenas na indústria da música, mas também na sociedade em geral. Ela é frequentemente citada como uma das artistas negras mais influentes e bem-sucedidas de sua geração e da atualidade, e aborda questões relacionadas à identidade, orgulho negro e igualdade em seus projetos, como *Leomonade* (2016), *The Gift: The Lion King* (2019), *Black is King* (2020), e *Cowboy Carter* (2024).

Diante disso, à luz dos conceitos de identidade por Stuart Hall (2006), de feminismo por bell hooks (1981) e Kimberlé Williams Crenshaw (1989), do poder da palavra por Chimamanda Ngozi (2019), e da psicologia das cores por Eva Heller (2013), dentre outros, buscaremos compreender o sentido significativo da perspectiva de mulheres negras e transgênero na sociedade, à medida que promove a luta por justiça, inclusão e representatividade. Ao combinar esses conceitos, é possível compreender as nuances e desafios enfrentados por essas mulheres em sua

---

<sup>2</sup> Uma edição da música original modificada pelo próprio autor para remover ou censurar conteúdo considerado explícito ou inadequado para todos os públicos.

busca por uma representação mais justa e igualitária na sociedade. É um chamado à conscientização sobre a interseccionalidade das opressões que afetam essas mulheres, considerando não apenas seu gênero, mas também sua raça e identidade de gênero. Este tema traz à tona questões cruciais sobre a luta contra o racismo, a misoginia e a transfobia, proporcionando uma oportunidade para explorar as nuances e desafios enfrentados por mulheres que carregam múltiplas identidades marginalizadas.

## A CULTURA MUSICAL EM PROL DA DIVERSIDADE

A cultura musical desempenha um papel vital na celebração da diversidade, proporcionando um espaço para a expressão autêntica e contribuindo para uma compreensão mais profunda e respeitosa das diversas facetas da experiência humana. Essa abordagem pode envolver a celebração de diferentes gêneros, culturas, identidades e expressões artísticas para criar um ambiente mais inclusivo e enriquecedor na indústria musical.

Em *Renaissance* (2022), Beyoncé celebra temas como diversidade e autoaceitação remetendo às raízes da cultura *ballroom*<sup>3</sup> e da *house music*<sup>4</sup>, que tiveram origem nas comunidades LGBTQIAPN+ e principalmente nas comunidades negras e latinas dos Estados Unidos. “Obrigado a todos os pioneiros que originaram a cultura, a todos os anjos caídos cujas contribuições não foram reconhecidas por muito tempo. Esta é uma celebração para vocês” (BEYONCÉ, 2022, n.p.), compartilhou a mãe da cantora no encarte de lançamento do projeto e em suas redes sociais<sup>5</sup>.

---

<sup>3</sup> A cultura *ballroom* teve origem nas comunidades LGBTQIAPN+ e afro-americanas em Nova York, EUA, principalmente nas décadas de 1960 e 1970. Os bailes onde as pessoas competiam em categorias de moda e performance, tornaram-se um espaço vital para expressão artística e identidade de gênero. A cultura *ballroom* ofereceu um refúgio seguro para aqueles que muitas vezes eram marginalizados em outros lugares da sociedade, proporcionando um ambiente de aceitação, criatividade e competição amigável. Essa cultura influenciou a moda, a música e a dança, deixando um legado duradouro na comunidade e além.

<sup>4</sup> A *house music* surgiu no início da década de 1980, em Chicago, nos Estados Unidos. Originou-se em clubes noturnos frequentados principalmente pela comunidade LGBTQIAPN+.

<sup>5</sup> Disponível em [https://www.instagram.com/p/CgmgP2QOC8m/?utm\\_source=ig\\_embed&ig\\_rid=a3b93c26-bc4b-4778-af5e-626c9deb7d96](https://www.instagram.com/p/CgmgP2QOC8m/?utm_source=ig_embed&ig_rid=a3b93c26-bc4b-4778-af5e-626c9deb7d96). Acesso em 12/novembro/ 2022.

Beyoncé também agradece a seu falecido tio Johnny por tê-la exposto a “muita música e cultura que serviram de inspiração para este álbum” (BEYONCÉ, 2022, n.p.).

Beyoncé dedica *Renaissance* ao seu tio Johnny [...] Johnny Knowles era um homem negro gay que morreu em decorrência do HIV/AIDS, porém foi uma figura fundamental na formação cultural e humanística de Beyoncé e por isso aparece aqui celebrado. Johnny é como uma figura-símbolo dessa história LGBTQIAPN+ que a artista busca resgatar. (GUERRA, 2022, n.p.).

Ao compartilhar essa história, Beyoncé amplifica a importância da representação diversificada na música e na sociedade em geral. Ela usa sua arte para mais do que apenas entretenimento, ela a utiliza como uma forma de educação, ativismo e honra àqueles que moldaram sua vida.

Assim como a cultura *ballroom* e a *house music* serviam como espaços seguros para muitas pessoas LGBTQIAPN+ que enfrentavam discriminação em outros aspectos da vida, e que podiam expressar sua identidade e criatividade de forma autêntica nas pistas de dança, Beyoncé coloca o *Renaissance* (2022) como um lugar de escapismo após o cenário de pandemia da COVID-19.

Este projeto de três atos foi gravado ao longo de três anos durante a pandemia... Criar este álbum me permitiu ter um lugar para sonhar e encontrar um escape durante uma época assustadora para o mundo. Permitiu que eu me sentisse livre e aventureira em um período em que pouco mais se mexia. A minha intenção era criar um lugar seguro. Um lugar sem julgamentos. Um lugar para ser livre de perfeccionismo e de pensar demais. Um lugar para gritar, se libertar, sentir a liberdade. Foi uma bela jornada de exploração (BEYONCÉ, 2022, n.p.).

Beyoncé reforça como a arte constantemente pode servir como uma válvula de escape durante momentos desafiadores, permitindo a expressão

autêntica e a criação de algo belo e significativo mesmo nas circunstâncias mais difíceis.

## LEITURA

Nossa leitura privilegiou os estudos culturais bem como uma análise estritamente focada na poética da versão *clean* da letra de *Cozy* (2022), dialogando com a estrutura lírica e contribuindo para uma leitura e interpretação cultural do texto. A utilização de metáforas, aliterações e rimas é evidente, enriquecendo o texto com nuances e significados ocultos.

### COZY - CONFORTÁVEL

This a reminder - Isso é um lembrete  
 Damn, I love the burning of the dagger - Caramba, eu adoro o arder do punhal  
 From the words that you say - Das palavras que dizes  
 Dancin' in the mirror, kiss my scars - Dançando no espelho, beijo minhas cicatrizes  
 Because I love what they made - Porque eu amo o que elas fazem

She's a God, she's a hero - Ela é uma Deusa, ela é uma heroína  
 She survived all she been through - Ela sobreviveu a tudo o que passou  
 Confident, damn, she lethal - Confiante, caramba, ela é letal  
 Might I suggest you don't mess with my sis - Sugiro que não se metam com a minha irmã  
 'Cause she comfortable - Porque ela está confortável

Comfortable in my skin - Confortável na minha pele  
 Cozy with who I am - Confortável com quem eu sou  
 Comfortable in my skin (cozy, cozy) - Confortável na minha pele (confortável)  
 Comfortable in my skin - Confortável na minha pele  
 Feet up above your sins - Pés acima dos vossos pecados  
 Cozy with who I am (cozy, cozy) - Confortável com quem eu sou (confortável)  
 So cozy, I love me - Tão aconchegante, eu me amo  
 They hate me, because they want me - Eles me odeiam, porque eles me querem  
 (I'm dark brown, dark skin, light skin, - (Sou marrom escuro, pele escura, pele luminosa,  
 beige, fluorescent beige, I'm black) - bege, bege fluorescente, sou preta)

Been down, been up, - Estive em baixo, estive em cima,  
been broke, broke down, bounced back - estive quebrada, falida, recuperei  
Been off, been on, been back, - Estive fora, estive dentro, estive de volta,  
what you know about that? - o que sabes sobre isso?  
Been the light, been dark, been the truth, - Fui a luz, fui a escuridão, fui a verdade,  
been that King Bey energy - fui aquela energia da Rei Bey  
I been thick, been fine, still a ten, - Eu fui grossa, estive bem, ainda sou um dez,  
still here, that's all me - Ainda estou aqui, sou só eu  
Black like love too deep - Preta como amor demasiado profundo  
Dance to the soles of my feet - Dançar com as solas dos meus pés  
Green eyes envy me - Olhos verdes me invejam  
Paint the world, oh-oh pink - Pintar o mundo, oh-oh cor-de-rosa  
Blue like the soul I crowned - Azul como a alma que eu coroei  
Purple drank and couture gowns - Bebida roxa e vestidos de alta costura  
Gold fangs a shade God made - Presas douradas uma sombra que Deus fez  
Blue, black, white, and brown - Azul, preto, branco e marrom  
Paint the town red like cinnamon - Pintar a cidade de vermelho como a canela  
Yellow diamonds, limoncello glisterin' - Diamantes amarelos, limoncello brilhando  
Rainbow gelato in the streets - Gelato arco-íris nas ruas  
Renaissance, yachtin' in Capri - Renascimento, iate em Capri

You're a God, you're a hero - Você é um Deusa, é uma heroína  
You survived all you been through - Você sobreviveu a tudo o que passou  
Confident, damn, you lethal - Confiante, caramba, você é letal  
Might I suggest you don't mess with my sis - Sugiro que não se metam com a minha irmã  
'Cause she comfortable - Porque ela está confortável  
Comfortable in my skin - Confortável na minha pele  
Cozy with who I am - Confortável com quem eu sou  
Comfortable in my skin (cozy, cozy) - Confortável na minha pele (cozy, cozy)  
Comfortable in my skin - Confortável na minha pele  
Cozy with who I am - Confortável com quem sou  
I love myself-self, damn (cozy, cozy) - Eu amo a mim mesmo, caramba (cozy, cozy)

I'm cozy, I'm juicy - Eu estou confortável, eu sou suculenta  
 You hate me, 'cause you want me - Você me odeia, porque me queres  
 I'm swaggy, effortlessly - Eu sou um sucesso, sem esforço  
 That's how God made me - Assim que Deus me fez  
 So, pay me - Então, me pague

(I'm probably one of the blackest - (Eu sou provavelmente uma das mais negras  
 black-black-black walking around here) - preta-preta-preta andando por aqui)  
 (In this place) - (Neste lugar)  
 (I'm probably one of the blackest in this) - (Sou certamente uma das mais negras nisto)  
 (Black like that) - (Preta assim)

Comfortable in my skin, - Confortável na minha pele,  
 cozy with who I am, - confortável com quem eu sou,  
 Comfortable in my skin - Confortável na minha pele

Unique - Única

Unique is what you are... - Única é o que você é...

Beyoncé, 2022. - Tradução própria.

Partindo do título e do pressuposto de que a tradução livre da palavra *cozy* remete a algo confortável, pode-se considerar que está relacionada a um corpo que se sente bem consigo mesmo, descrevendo a sensação de harmonia e autoaceitação que o sujeito irradia. É como se a confiança e o contentamento que ele sente em relação a si mesmo o envolvessem em um casulo de positividade e autoestima. Essa aura de conforto interno não apenas eleva o próprio ânimo, mas também é contagiosa, irradiando uma sensação de bem-estar e autoconfiança inspiradora para os outros ao redor. É um estado de espírito que torna qualquer autoestima mais acolhedora e agradável.

O eu lírico dá início ao seu discurso com um aviso: *this a reminder*<sup>6</sup>. É um lembrete que sugere ao leitor que contemple uma declaração orgulhosa sobre autoaceitação. Ele anuncia que não é um manifesto de lamentações, mas sim uma reivindicação de exaltação da identidade. Nesse sentido, vale evidenciar que a identidade é formada a partir de uma variedade de fatores, incluindo raça, gênero, classe social, etnia, religião, orientação sexual, entre outros. “A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2006, p. 13). Tal concepção nos lembra que somos seres culturalmente diversificados e que nossas identidades são mutáveis, influenciadas pelas relações sociais e pelas dinâmicas culturais do mundo em que vivemos.

Em seguida, o eu lírico revela seu pensamento: *Damn, I love the burning of the dagger from the words that you say*<sup>7</sup>. O enunciado expressa, por meio da metáfora, o poder que as palavras têm de penetrar e atear sentido no indivíduo, considerando que, por mais que o arder de um punhal não seja prazeroso, já não causa dor, pois o sujeito tornou-se resiliente, como se o ferimento tivesse se transformado em algo benéfico. Desse modo, a palavra é um instrumento importante na construção de sentido, de identidade e das relações sociais que incentivam a diversidade de vozes históricas, vozes estas que vêm sendo silenciadas há séculos.

Adichie (2009) reconhece o poder da palavra como uma ferramenta para moldar a percepção, o conhecimento e as relações sociais. Ela enfatiza a importância de contar histórias autênticas e diversas para desafiar narrativas unilaterais e estereótipos prejudiciais. Em seu famoso discurso intitulado *The danger of a single story*<sup>8</sup>, Adichie (2009) discute como as histórias que contamos sobre nós mesmos e sobre os outros podem ter um impacto profundo em nossa compreensão e na forma como interagimos com o mundo:

---

<sup>6</sup> Tradução nossa: Isso é um lembrete.

<sup>7</sup> Tradução nossa: Adoro o arder do punhal das palavras que dizes.

<sup>8</sup> Tradução: O perigo de uma história única.

É impossível falar sobre uma única história sem falar sobre poder. Há uma palavra, uma palavra da tribo Igbo, que eu lembro sempre que penso sobre as estruturas de poder do mundo, e a palavra é nkali. É um substantivo, que livremente se traduz: ser maior do que o outro. Como nossos mundos econômicos e políticos, histórias também são definidas pelo princípio do nkali. Como são contadas, quem as conta, quando e quantas histórias são contadas, tudo realmente depende do poder (ADICHIE, 2009, n.p, tradução nossa).

Adichie (2009) examina como as palavras e as narrativas são usadas para silenciar, marginalizar ou subestimar certas identidades. É isso que o eu lírico busca refutar, construindo, com habilidade, no verso seguinte, a autoridade da sua própria história: *Dancin' in the mirror, kiss my scars because I love what they made*<sup>9</sup>, uma expressão de orgulho e amor-próprio do sujeito que se sente acolhido em si mesmo. Dançar no espelho enquanto beija suas cicatrizes vai além da aparência ali representada, uma vez que esse mecanismo resgata a proporção histórica desses traços enraizados. O eu lírico dialoga com o sujeito marcado pelos fantasmas do passado, sempre vulnerável aos vestígios da colonização<sup>10</sup> e às estruturas racistas<sup>11</sup> e transfóbicas<sup>12</sup> que perpetuam na sociedade.

As cicatrizes podem ter um significado profundo para o sujeito como mulher negra e transgênero, tanto no sentido literal quanto simbólico. Elas

<sup>9</sup> Tradução nossa: Dançando no espelho, beijo as minhas cicatrizes porque eu amo o que elas fazem.

<sup>10</sup> Conhecido pelo seu livro *A People's History of the United States*, Zinn (1980) examina o processo de colonização, a conquista do território e a forma como esses eventos moldaram a história e a sociedade dos Estados Unidos, sob uma perspectiva que destaca as experiências das populações marginalizadas e o impacto da colonização nas vidas dos povos nativos norte-americanos, africanos escravizados e outros grupos historicamente oprimidos.

<sup>11</sup> Em sua obra intitulada *The Souls of Black Folk*, Du Bois (1903) examina a experiência negra nos Estados Unidos, as questões de raça, segregação, desigualdade e a luta pela igualdade.

<sup>12</sup> No documentário *The Death and Life of Marsha P. Johnson* (2017), dirigido pelo cineasta norte-americano David France e produzido pela Netflix, a ativista negra e transexual Victoria Cruz, narra a vida e a misteriosa morte de Marsha P. Johnson, uma figura proeminente pelos direitos LGBTQIAPN+ nos Estados Unidos e do movimento de Stonewall nos anos de 1960, quando no país era ilegal ser homem gay afeminado, drag queen, transgênero ou travestis.

podem representar a história individual e coletiva da diáspora africana<sup>13</sup> e das lutas enfrentadas pelos negros ao longo do tempo. “Uma cicatriz pode ser motivo de sofrimento e vergonha por trazer à memória um evento doloroso” (BISPO & GUERRA, 2023, p. 15). Logo, podem ser resultado de várias formas de violência, desde a escravidão até os abusos raciais e transfóbicos da contemporaneidade, como a brutalidade policial e a discriminação sistemática. Essas marcas podem carregar lembranças e traumas que impactam profundamente a vida e a identidade desses indivíduos.

A vivência racial, marcada pela violência física e psíquica sobre os negros, pode ser mais bem compreendida quando analisada pelo ponto de vista histórico-social. O racismo foi, ao longo dos tempos, um fator que se imiscuiu na subjetividade dos negros. A compreensão desse fenômeno tem maior alcance quando aliada ao olhar clínico e investigativo que a teoria psicanalítica proporciona (BISPO & GUERRA, 2023, p. 260).

Consequentemente, há também as cicatrizes emocionais e psicológicas causadas pelo racismo estrutural, pela transfobia e pela opressão histórica: “os negros estão expostos por um enorme sucateamento emocional em razão de sua pele” (SILVA & RIGUINI, 2023, p. 260). Essas cicatrizes podem manifestar-se na forma de autoestima prejudicada, traumas intergeracionais, estereótipos internalizados e outras consequências psicossociais do racismo. No entanto, para o sujeito negro e transgênero, as cicatrizes também são símbolos de resiliência, força e resistência: “pode ser tomada como uma marca no corpo que indica uma história de lutas e superações” (BISPO & GUERRA, 2023, p. 15). Podem, portanto, ser vistas como lembretes de uma busca contínua por justiça e igualdade.

---

<sup>13</sup> Escritoras como Toni Morrison (1987) e Alice Walker (1982) frequentemente abordam temas relacionados à diáspora africana em seus romances. Seus escritos muitas vezes destacam a importância da cultura africana na formação da identidade afro-americana.

Na segunda estrofe, o eu lírico refere-se ao sujeito como uma Deusa: *She's a God*<sup>14</sup>. E como compreender isso no que diz respeito à comparação, especificamente, de mulheres negras e transgênero a uma divindade? Antes de tudo, é importante acentuar que o feminismo é um campo diverso, em constante evolução, e diferentes teorias e perspectivas podem surgir ao longo do tempo. Ou seja, existe um amplo conjunto de reflexões no âmbito do feminismo, dos estudos de gênero e das discussões sobre identidade e justiça social que exploram a valorização e o empoderamento de diferentes grupos marginalizados.

De acordo com hooks (1981), um feminismo verdadeiramente inclusivo e transformador abraça as vozes e as experiências de todas as mulheres, reconhecendo que a luta pela igualdade não pode ser alcançada sem abordar as complexidades das identidades e das opressões interligadas. Crenshaw (1989) argumenta que as mulheres não enfrentam apenas uma única forma de opressão (seja de gênero, raça, classe, sexualidade etc.), uma vez que a interseccionalidade tornou-se uma abordagem fundamental para entender a diversidade de experiências dentro do feminismo.

Por conseguinte, nos Estados Unidos, segundo Baldwin (1967), os afro-americanos possuem uma história complexa e diversificada em termos de crenças religiosas e espirituais, devido às influências das tradições africanas e do cristianismo. Dentro da espiritualidade afro-americana, as divindades podem ser interpretadas de maneiras variadas. Por exemplo, algumas pessoas podem se identificar com figuras divinas da tradição judaico-cristã hegemônica, como o Deus único e Jesus Cristo.

Por essa razão, Capone (2005) discute como as divindades africanas desempenharam um papel significativo na construção da identidade religiosa e étnica das comunidades afro-americanas no contexto da diáspora africana. A mitologia iorubá, por exemplo, segundo Capone (2005), é rica em divindades e deuses, e suas histórias são parte integrante da diáspora africana nos Estados Unidos. Algumas das divindades femininas mais conhecidas da mitologia iorubá incluem Oxum, deusa dos rios, do amor, da fertilidade e da beleza, e Iemanjá, deusa do mar e da maternidade.

---

<sup>14</sup> Tradução nossa: Ela é uma Deusa.

Logo, a analogia entre uma mulher negra e transgênero e divindades como Oxum e Iemanjá pode ser explorada de maneira simbólica ou espiritual – embora a relação seja individual e subjetiva –, estabelecendo uma conexão de empoderamento e amor-próprio. Oxum é frequentemente associada à beleza, ao amor e à fertilidade. Assim, uma mulher negra e transgênero pode invocar Oxum como uma representação do amor-próprio, da aceitação de sua identidade e da celebração de sua própria beleza e força.

Oxum também é vista como uma divindade resiliente que enfrentou desafios e adversidades. Da mesma forma, mulheres negras e transgênero, que enfrentam discriminação e preconceito, podem se identificar com a ideia de superar obstáculos e tornar-se mais fortes, assim como Oxum. Já Iemanjá é frequentemente considerada uma mãe protetora, que cuida e nutre. Uma mulher negra e transgênero pode invocar Iemanjá como uma representação de aceitação e proteção, especialmente em um mundo que muitas vezes não acolhe nem protege esse sujeito. O mar, representado por Iemanjá, está associado à renovação e à transformação, uma figura que inspira a atravessar mudanças, superar desafios e encontrar novos começos. Isso confere a leitura de que o sujeito, colocado como deusa na narrativa, dialoga com uma espiritualidade que frequentemente valoriza a resiliência, a luta por justiça social e a busca por empoderamento, como vem sendo discutido ao longo desta análise.

Ainda no mesmo verso, o eu lírico também diz: *she's a hero*<sup>15</sup>. Ser uma heroína, para uma mulher trans afro-americana, envolve várias dimensões profundamente influenciadas pela história, cultura e lutas dessa comunidade nos Estados Unidos. É ser alguém que representa resiliência, liderança, inspiração, contribuição cultural e luta por igualdade. hooks (2019) aborda o conceito de heróis afro-americanos em relação à construção de identidade. Ela discute como figuras históricas e contemporâneas são fundamentais para a formação da autoestima, do orgulho racial e do sentido de pertencimento entre os afro-americanos.

Exemplos notáveis dessa representação de pertencimento foram a ativista e drag queen afro-americana Marsha P. Johnson e a ativista transgênero latina Sylvia Rivera, amplamente consideradas heroínas dos

<sup>15</sup> Tradução nossa: ela é uma heroína.

direitos LGBTQIAPN+ nos Estados Unidos. Ambas se tornaram figuras proeminentes no movimento e na luta pelos direitos civis.

É quase impossível tratar de Marsha P. Johnson sem relatar Sylvia Rivera. Marsha e Rivera foram ícones na luta de Stonewall e juntas montaram espaços para que LGBTQIAP+ dormissem e se alimentassem num período em que muitos estavam em situação de rua devido à rejeição da sociedade em aceitar o queer dentro do seio familiar (SANTANA, 2021, p. 7)

Contudo, vale destacar que Johnson não era declaradamente transgênero. No documentário produzido pela plataforma de *streaming* Netflix, intitulado *A vida e a morte de Marsha P. Johnson* (2017), compreendemos a trajetória da ativista que não tinha um pronome definido, mas atuava como *drag queen* na década de 1960. Em 1969, após o período de lutas pelos direitos civis para pessoas gays nos Estados Unidos, Johnson, ao lado de Sylvia Rivera, liderou o movimento *Star* (*street transvestite action revolutionaries*)<sup>16</sup>, um dos primeiros grupos de ativistas a lutar pelos direitos e pela visibilidade das pessoas trans e travestis no país.

Logo, a interpretação de uma mulher negra e trans como deusa ou heroína pode ser vista como pertencente à linha de frente contra o racismo e a transfobia, desafiando as normas tradicionais de gênero. O verso do poema é permeado por diversas nuances: transcende barreiras, reivindica identidade, subverte normas, conecta-se com a espiritualidade, afirma direitos e visibilidade, além de representar cultura.

Tal reflexão nos leva ao próximo verso: *She survived all she been through*<sup>17</sup>. Mulheres trans e negras são sobreviventes; enfrentam desafios interseccionais moldados pela interação de sua identidade de gênero, raça e experiências de sobrevivência. Essas experiências são únicas e muitas vezes complexas, refletindo as interações entre diferentes sistemas de opressão. É fundamental reconhecer a complexidade das vivências de mulheres trans, negras e sobreviventes, que trabalham constantemente

<sup>16</sup> Tradução: Ação revolucionária travestis de rua

<sup>17</sup> Tradução nossa: Ela sobreviveu a tudo o que passou.

para criar um mundo mais inclusivo, onde todas as vozes sejam valorizadas e todas as identidades respeitadas.

A expectativa de vida de mulheres trans nos Estados Unidos, assim como em muitos outros lugares do mundo, pode ser afetada por uma variedade de fatores, incluindo acesso à saúde, discriminação, estigma e violência. Infelizmente, as mulheres trans enfrentam desafios significativos em termos de saúde mental e física, o que pode impactar sua longevidade. Além disso, a expectativa de vida pode variar consideravelmente dependendo de fatores como raça, classe socioeconômica e local de residência. Dados do projeto *Trans Murder Monitoring* (2024)<sup>18</sup>, revelam que os Estados Unidos contabilizaram 41 mortes entre outubro de 2023 e setembro de 2024, ocupando a terceira posição no ranking internacional. Ainda de acordo com o levantamento, do número total de casos reportados no mundo, 93% foram de pessoas trans negras ou pardas – 14% a mais em relação ao ano anterior.

Nessa perspectiva, o verso *confident, damn, she lethal*<sup>19</sup> expressa admiração e reconhecimento pela força e determinação de uma mulher negra e transgênero. A descrição confiante destaca a autoconfiança e a segurança que essa mulher possui em si mesma. O termo letal é utilizado de forma metafórica para transmitir a ideia de que essa confiança e determinação são poderosas e impactantes, capazes de causar uma forte impressão ou influência no ambiente ao seu redor.

Em seguida, o eu-lírico adverte: *Might I suggest you don't mess with my sis, 'cause she comfortable*<sup>20</sup>. Essa frase tem um tom protetor, indicando que se trata de um alerta para que não interfiram ou causem problemas à mulher negra e transgênero, a quem considera sua irmã. Podemos compreender essa relação de irmandade partindo do significado do substantivo feminino irmã, que denota pessoa do sexo feminino filha dos mesmos pais – ou só da mesma mãe –, ou a quem se considera unida por sentimentos de fraternidade universal. Considera-se que essa irmã é filha da mesma mãe, a

---

<sup>18</sup> Tradução: Monitorização de Assassinatos de Transgêneros

<sup>19</sup> Tradução nossa: confiante, caramba, ela é letal.

<sup>20</sup> Tradução nossa: Sugiro que não se metam com a minha irmã, porque ela está confortável.

Mãe-África: “o grande símbolo do inconsciente coletivo da alma africana” (TORRES, 1990 apud SANTOS, 2007, p. 28).

A Mãe-África possui um significado simbólico e cultural importante para muitos afro-americanos nos Estados Unidos, pois remete à ancestralidade africana e à conexão com as raízes históricas e culturais dos afro-descendentes que foram trazidos à força para a América durante o período transatlântico de escravidão.

O eu lírico personifica a verdadeira essência da união e do ativismo inclusivo ao reconhecer e abraçar a interseccionalidade das lutas enfrentadas por mulheres negras, incluindo suas irmãs transgênero, demonstrando profunda solidariedade e empatia. Ainda dentro dessa relação de irmandade, nas expressões “não se metam” e “confortável”, o eu lírico busca evitar qualquer intromissão ou desconforto em relação à sua irmã, que agora está em um estado de tranquilidade, segurança e confiança. É uma imposição para que esse estado seja respeitado, uma vez que sua irmã lida constantemente com situações de racismo e transfobia.

Nessa diretriz, na terceira estrofe, o eu lírico expressa uma sensação de autoaceitação e confiança ao dizer: *Comfortable in my skin, cozy with who I am*<sup>21</sup>, trata-se de um ato de sororidade, no qual afirma sentir-se à vontade e segura em sua identidade de gênero como mulher trans, bem como em sua identidade racial.

Dito isso, o eu lírico profere: *Feet up above your sins*<sup>22</sup>. Essa frase tem caráter simbólico e transmite a ideia de superação e domínio sobre as falhas, erros ou pecados de outra pessoa ou de um grupo. A expressão pés acima pode ser interpretada como estar em uma posição de superioridade, controle ou transcendência em relação às falhas alheias, implicando que esse sujeito não é afetado nem subjugado pelas transgressões dos outros, assumindo uma atitude de força e resiliência.

Na quarta e principal estrofe, o eu lírico reforça: *So cozy, I love me*<sup>23</sup>, mostrando estar em um estado de tranquilidade consigo mesma, aceitando e amando quem é, sem inseguranças ou dúvidas. Em seguida, diz: *They*

<sup>21</sup> Tradução nossa: Confortável em minha pele, confortável com quem eu sou.

<sup>22</sup> Tradução nossa: Pés acima dos vossos pecados.

<sup>23</sup> Tradução nossa: Tão confortável, eu me amo.

*hate me, because they want me*<sup>24</sup>. A afirmação sugere que essa autoconfiança e autoaceitação podem provocar nos outros um sentimento de desgosto e ódio pela felicidade alheia, fazendo acreditar que sua confiança pessoal é atraente e, ao mesmo tempo, gera sentimentos negativos e hostis devido à sua própria segurança e amor-próprio.

Embora publicamente a sociedade expresse ódio e preconceito em relação à mulher negra e transgênero, internamente inveja a coragem, a autenticidade e a resiliência desse sujeito, que lida com sua própria luta identitária e inseguranças. Ao ver esse sujeito enfrentando o mundo com confiança, desperta-se um sentimento contraditório de admiração e inveja. Esse sentimento é intensificado pela percepção de que a mulher negra e transgênero vive verdadeiramente como quem ela é, apesar das adversidades. A sociedade racista e transfóbica, contudo, reprime tais sentimentos e os canaliza de maneira negativa, expressando ódio e preconceito como uma forma de autopreservação e reafirmação de sua própria identidade e valores, enraizados em estereótipos e preconceitos.

Um exemplo que explica essa realidade é o fato de os Estados Unidos aparecerem no *top* três da classificação de países que mais consomem conteúdo adulto relacionado a pessoas transgênero. Em relatório divulgado pela *Pornhub* (2024), uma das maiores plataformas de conteúdo adulto, evidencia-se que a categoria *transgender* ocupa a 6ª posição entre as mais populares no público masculino em todo o mundo, sendo a 5ª categoria mais buscada nos Estados Unidos. Esse dado destaca uma triste contradição na maneira como a sociedade lida com identidade de gênero, raça e sexualidade. Ou seja, odeiam mulheres negras e transgênero por serem quem são, mas desejam possuí-las para satisfazer anseios íntimos oprimidos pela estrutura social racista e transfóbica, que compromete o respeito e a segurança dessas mulheres na vida real. Essa contradição interna reflete a complexidade da psicologia humana, em que inseguranças e desafios pessoais podem gerar emoções contraditórias e comportamentos prejudiciais.

---

<sup>24</sup> Tradução nossa: Eles me odeiam, porque me querem.

Os dois últimos versos da quarta estrofe trazem a principal declaração desta análise: (*I'm dark brown, dark skin, light skin, beige, fluorescent beige, I'm black*)<sup>25</sup>. O verso entre parênteses sugere que o eu lírico aqui é outro, que se apresenta para se posicionar em seu lugar de fala como sujeito mulher negra e transgênero.

Segundo Ribeiro (2017), o lugar de fala é uma abordagem crítica e transformadora, que visa desafiar e reformular a maneira como a história é contada e como diferentes formas de conhecimento são valorizadas, conectando essa reflexão à necessidade de questionar e transformar estruturas sociais hierárquicas. “Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social” (RIBEIRO, 2017, p. 37). Ao reconhecer e validar o lugar de fala de grupos historicamente marginalizados, essa abordagem busca empoderar tais vozes, proporcionando oportunidade para a expressão autêntica de suas experiências e conhecimentos.

Nesse sentido, ao mencionar uma série de descrições para tons de pele – como “marrom-escuro”, “pele escura”, “pele luminosa”, “bege” e “bege fluorescente” – o eu lírico enfatiza a amplitude da gama de tons de pele negra, levantando a temática do colorismo.

Fazendo o uso do tema colorismo, termo usado pela primeira vez em 1982 pela estadunidense Alice Walker, a escritora afirma que pessoas de pele mais escura sofrem mais preconceito do que os negros de pele mais clara. Em outras palavras, a pigmentocracia, que leva em consideração além da pele escura, outros traços negroides como o tamanho do nariz e cabelos crespos, irão determinar como esta pessoa será socialmente vista (FILHO, 2022, p. 2).

O colorismo refere-se à discriminação ou preferência baseada nas tonalidades de pele dentro de uma mesma comunidade ou grupo étnico. Ele concentra-se especificamente nas variações de cor, favorecendo tons mais claros em detrimento dos tons mais escuros. Nesse sentido, a

<sup>25</sup> Tradução nossa: Eu sou marrom escuro, pele escura, pele luminosa, bege, bege fluorescente, sou preta.

expressão *I'm black* funciona como uma afirmação de identidade racial, orgulho e aceitação da própria cor de pele, reforçando a importância de reconhecer e celebrar a beleza e a singularidade de cada tom. A variedade de adjetivos mobilizados pelo eu lírico ilustra a riqueza da diversidade racial e evidencia a necessidade de valorização e respeito a essa pluralidade. Trata-se, portanto, de um apelo à aceitação de todas as tonalidades da pele negra e de uma declaração de pertencimento e autoaceitação.

Na quinta estrofe, compreende-se uma jornada de autodescoberta:

*Been down, been up, been broke, broke down, bounced back. Been off, been on, been back, what you know about that? Been the light, been dark, been the truth, been that King Bey energy. I been thick, been fine, still a ten, still here, that's all me. Black like love too deep, dance to the soles of my feet*<sup>26</sup>. (BEYONCE, 2022)

O eu lírico compartilha uma experiência marcada por altos e baixos, representando as diferentes fases da vida e os desafios enfrentados. A sequência rítmica das frases funciona como uma narrativa de resiliência, em que a voz poética reconhece que passou por momentos difíceis, mas conseguiu se reerguer. A dualidade entre “estar em baixo” e “estar em cima”, “quebrada” e “recuperada”, “fora” e “dentro” simboliza a complexidade da existência, revelando a capacidade de adaptação e evolução.

O verso *Been off, been on, been back, what you know about that*<sup>27</sup>? refere-se à experiência de transitar entre diferentes estados de pertencimento, aceitação e autodescoberta ao longo da vida. Está relacionado à jornada de compreender e abraçar a própria identidade, enfrentar desafios e encontrar seu lugar em distintas esferas sociais, culturais e emocionais. Ao questionar *what you know about that?*, o sujeito interpela a sociedade, indagando se esta compreende e reconhece as lutas específicas que enfrenta enquanto mulher negra transgênero. O convite implícito é para uma reflexão acerca

<sup>26</sup> Tradução nossa: Estive em baixo, estive em cima, estive quebrada, falida, recuperei. Estive fora, estive dentro, estive de volta, o que sabes sobre isso? Fui a luz, fui a escuridão, fui a verdade, fui aquela energia da Rei Bey. Eu fui grossa, estive bem, ainda sou um dez. ainda estou aqui, sou só eu. Preta como amor demasiado profundo, dançar com as solas dos meus pés.

<sup>27</sup> Tradução nossa: Estive fora, estive dentro, estive de volta, o que sabes sobre isso?

da profundidade e da complexidade de suas experiências, em busca de uma escuta mais empática.

O eu lírico também menciona ter sido luz, escuridão e verdade, indicando uma percepção abrangente de sua própria natureza e identidade. Ao se descrever como preta como amor demasiado profundo, celebra sua negritude e a compara a um amor incondicional e originário, evocando a figura da Mãe-África. A menção a “dançar com as solas dos pés” simboliza uma conexão profunda com a herança e a cultura ancestral, corporificada pela dança e pela expressão física, em um gesto de autoafirmação e orgulho identitário que revela a superação de adversidades ao longo da jornada pessoal.

Ainda na quinta estrofe, o eu lírico estabelece paralelos e metáforas cromáticas:

*Green eyes envy me, paint the world, oh-oh pink, blue like the soul  
I crowned, purple drank and couture gowns, gold fangs a shade God  
made, blue, black, white, and brown, paint the town red like cinnamon,  
yellow diamonds, limoncello glisterin', rainbow gelato in the streets,  
renaissance, yachtin' in Capri*<sup>28</sup>.

Ao dizer *Green eyes envy me*, compreende-se que características físicas vinculadas ao padrão de beleza branco e eurocêntrico – como pele clara, olhos claros e cabelo liso – são simbolicamente evocadas. Os olhos verdes representam esse ideal culturalmente imposto, no qual “o verde significa o contrário da autoafirmação” (HELLER, 2013, p. 506). O verso sugere, portanto, que mesmo sob o peso desse paradigma, o sujeito negro é capaz de despertar inveja e admiração, ainda que não se enquadre no modelo hegemônico de atratividade. Essa concepção de inveja dialoga com o segundo verso da estrofe anterior (*They hate me, because they want me*), reforçando a ideia de que, apesar dos padrões dominantes de beleza, o corpo negro é capaz de se destacar, ser admirado e afirmar sua potência estética.

<sup>28</sup> Tradução nossa: Olhos verdes me invejam, pintar o mundo, oh-oh cor-de-rosa, azul como a alma que coroei, bebida roxa e vestidos de alta costura, presas douradas uma sombra que Deus fez, azul, preto, branco e marrom, pintar a cidade de vermelho como a canela, diamantes amarelos, limoncello brilhando, gelato arco-íris nas ruas, renascimento, iate em Capri.

No verso seguinte, *paint the world, oh-oh pink*, surge uma metáfora popularmente associada ao ato de enxergar o mundo de forma positiva, otimista e idealizada. Heller (2013) lembra que a cor rosa é “a cor do sentimentalismo e dos milagres” (n.p.), ampliando a leitura simbólica da expressão.

A fantasia é um estado em que as pessoas flutuam em nuvens cor-de-rosa e enxergam tudo através de “lentes rosadas”. O sétimo céu é rosa. Um mundo cor-de-rosa é bonito demais para ser verdadeiro. Quem vive seguindo o ditado “*think pink*” (“pense cor-de-rosa”) se propõe a viver de maneira otimista o cotidiano cinzento. Quando a vida parece um sonho, os franceses dizem: “*C’est la vie en rose*” (HELLER, 2013, n.p.).

Essa metáfora carrega a conotação de criar uma realidade mais leve, feliz e satisfatória, mesmo diante das adversidades. Pode ser usada para descrever a atitude de alguém que escolhe enxergar o lado bom das coisas, manter uma perspectiva positiva e enfrentar os desafios com otimismo.

No verso *blue like the soul I crowned*<sup>29</sup>, a escolha da cor azul simboliza a resiliência e a força interna historicamente demonstradas pelas mulheres negras transgênero ao enfrentar adversidades. Assim como o azul é associado à estabilidade e à profundidade, a alma negra de uma mulher trans pode ser compreendida como resiliente e capaz de superar dificuldades. Para Heller (2013), o azul remete ao princípio feminino: “De acordo com a tradição antiga, o azul simbolizava o princípio feminino. O azul é plácido, passivo, introvertido; no simbolismo ele pertence à água, que também é um atributo feminino” (HELLER, 2013, p. 66). A simbologia da cor, portanto, enfatiza a serenidade, a introspecção e a ligação com a água, recorrente em figuras como o manto azul de Maria ou a imagem de Iemanjá. O verso pode ser lido, assim, como um convite a refletir sobre o processo de autodescoberta e autoaceitação de quem se identifica com o feminino, coroando a própria alma nesse gesto de afirmação identitária.

<sup>29</sup> Tradução nossa: azul como a alma que coroei.

Já o verso *purple drank and couture gowns*<sup>30</sup>, – possivelmente associada ao vinho – e a referência a vestidos de alta costura, funcionando como expressão de estilo e identidade. Para a comunidade negra, a moda tem sido uma ferramenta fundamental de expressão cultural e resistência, reivindicando individualidade e celebrando a diversidade estética. Como observa Almeida (2020, p. 72), “no contexto da luta pelos direitos civis, a moda foi um importante objeto na construção de uma identidade própria para os negros”.

Em *Gold fangs a shade God made*<sup>31</sup>, o dourado pode remeter ao laranja-ouro, cor que, segundo Heller (2013), é associada ao luxo. As presas ou dentes de ouro (*grillz*) – adornos dentários usados para cobrir os dentes, geralmente confeccionados em ouro, prata ou metais preciosos – evocam a ideia de algo valioso e desejado, mas ao mesmo tempo transitório e efêmero. Ao ser colocado como “feito por Deus”, o adorno adquire uma dimensão paradoxal, sugerindo a dualidade entre preciosidade e permanência da vida.

A relação entre os afro-americanos e os dentes de ouro possui profundas influências culturais e históricas. Segundo Press (2018), na *St. James Encyclopedia of Hip Hop Culture*<sup>32</sup>, na cultura hip-hop, os *grillz* tornaram-se símbolos de status, riqueza e estilo. Artistas e músicos afro-americanos frequentemente os utilizam como uma forma de expressão pessoal, moda e autenticidade. Além disso, a história dos *grillz* pode estar vinculada à tradição africana de adornar o corpo, incluindo os dentes, com ornamentos feitos de metais preciosos. Essa prática foi trazida para os Estados Unidos pelos escravizados africanos e, ao longo do tempo, evoluiu para se tornar um símbolo de identidade e pertencimento cultural nas comunidades afro-americanas.

No verso, *Blue, black, white, and brown*<sup>33</sup>, o eu lírico cita novamente a cor azul, que pode remeter a outro tom, como o azul ciano. “O azul absolutamente puro é o ciano... como cor artística, é chamado também de

<sup>30</sup> Tradução nossa: bebida roxa e vestidos de alta costura.

<sup>31</sup> Tradução nossa: presas douradas uma sombra que Deus fez.

<sup>32</sup> Tradução nossa: Enciclopédia James da Cultura Hip Hop.

<sup>33</sup> Tradução nossa: azul, preto, branco e marrom

‘azul primário’” (HELLER, 2013, p. 58). Na psicologia das cores, o ciano remete à tranquilidade, paz, sossego, limpeza e frescor.

O eu lírico também menciona preto, branco e marrom. Juntas, essas cores podem representar uma combinação equilibrada e contrastante. A presença do azul ciano adiciona frescor e vitalidade; o preto fornece contraste e profundidade; o branco transmite limpeza e luz; e o marrom confere ligação com a terra e estabilidade.

A expressão *Paint the town red like cinnamon*<sup>34</sup> funciona como metáfora, sugerindo uma ação ousada e marcante. O vermelho, associado à paixão, energia e destaque, simboliza atos impactantes que se sobressaem e chamam atenção. A comparação *like cinnamon* indica um tom terroso e quente, reforçando a sensação de calor, intensidade e presença.

Em seguida, *Yellow diamonds, limoncello glisterin*<sup>35</sup>, evidencia cores vibrantes e preciosas. Os diamantes são conhecidos por sua natureza deslumbrante, geralmente incolores ou brancos; a menção a *yellow diamonds*<sup>36</sup> aponta para uma variante amarela e menos comum, conferindo singularidade e valor. Paralelamente, *limoncello* – bebida alcoólica italiana feita de limões – também é amarela, com cor vibrante e sabor cítrico. O termo abreviado *glisterin*’ destaca a aparência brilhante da bebida, reforçando o simbolismo da cor e da atração visual.

No verso *Rainbow gelato in the streets, Renaissance, yachtin’ in Capri*<sup>37</sup>, o eu lírico continua fazendo referências à Itália, ao citar um estilo tradicional de sorvete do país. O verso *rainbow gelato in the streets* remete à imagem de um sorvete colorido, representando o arco-íris – símbolo amplamente conhecido como representação das cores da bandeira LGBTQIAPN+. É uma imagem alegre e festiva, sugerindo uma atmosfera animada e prazerosa nas ruas.

O termo *Renaissance* associa-se a um período histórico de renascimento cultural, artístico e intelectual na Europa, cuja origem remonta à Itália. Nesse contexto, pode ser usado metaforicamente para

<sup>34</sup> Tradução nossa: pintar a cidade de vermelho como a canela.

<sup>35</sup> Tradução nossa: diamantes amarelos, limoncello brilhando.

<sup>36</sup> Tradução nossa: diamantes amarelos.

<sup>37</sup> Tradução nossa: gelato arco-íris nas ruas, renascimento, iate em Capri.

indicar revitalização ou uma nova fase positiva. A menção a Capri reforça essa leitura: a ilha teve importância histórica como ponto de encontro para a comunidade gay europeia no início do século XX, sendo um local onde indivíduos LGBTQIAPN+ encontraram aceitação, expressaram suas identidades e criaram comunidades. Andrew (2015), por meio de relatos de experiências na ilha, evidencia a relevância de Capri para a vida gay europeia, reforçando que vestígios culturais e históricos documentam a importância desse lugar.

Essa estrofe poética aborda temas como inveja, criatividade, diversidade, indulgência e renascimento, explorando a complexidade das emoções humanas e a diversidade da vida. O uso simbólico das cores expressa diferentes estados de espírito e experiências. Além disso, estabelece paralelos entre essas cores e a bandeira LGBTQIAP+, transmitindo mensagens de aceitação, inclusão e celebração da diversidade, não apenas direcionadas à mulher negra e transgênero, mas a todos os membros da comunidade.

A bandeira LGBTQIAP+ foi criada pelo designer norte-americano Gilbert Baker. Em sua autobiografia disponível na *Gilbert Baker Foundation*, Baker narra a história da criação do símbolo do arco-íris:

A bandeira do arco-íris foi uma escolha consciente, natural e necessária. O arco-íris surgiu na história mais antiga registrada como um símbolo de esperança. No Livro do Gênesis, aparece como prova de uma aliança entre Deus e todas as criaturas vivas. Também foi encontrado na história chinesa, egípcia e dos nativos americanos. Uma bandeira arco-íris seria a nossa alternativa moderna ao triângulo cor-de-rosa. Agora, os desordeiros que reivindicaram a sua liberdade no bar Stonewall, em 1969, teriam o seu próprio símbolo de libertação. (BAKER, s.d, n.p)

Embora Baker seja um homem branco, sua contribuição criativa marcou a história e a representação da comunidade. Nota-se que, além das cores tradicionais da bandeira – vermelho, laranja, amarelo, verde, azul e roxo –, o eu lírico inclui também cores como rosa, ciano, preto, branco e marrom, remetendo à versão mais recente da bandeira LGBTQIA+.

Luciano Guimarães, em entrevista ao jornalista Edison Veiga (*A cor como informação*, 2021), destaca a evolução das representações simbólicas das cores na bandeira LGBTQIAP+, evidenciando a ampliação do espectro de identidades representadas.

As novas cores nessas bandeiras, no entanto, seguem outra lógica de simbolização: não designam mais valores naturais e espirituais da humanidade, como na versão original de Baker, mas apontam diretamente para representações raciais e de gênero: branco para pessoas não binárias; rosa, que na bandeira original representava sexualidade, nesta representa a mulher; azul para os homens; marrom para pessoas não brancas; e preto para pessoas pretas (VEIGA, 2021 *apud* GUIMARÃES, 2021, n.p.).

Essa mudança na simbologia das cores na bandeira LGBTQIAP+, anteriormente associadas a valores naturais e espirituais, agora reflete diretamente representações raciais e de gênero. Trata-se de um exemplo de como os símbolos e suas interpretações podem migrar de sentido ao longo do tempo, adequando-se para melhor refletir as preocupações e identidades emergentes dentro da comunidade e da sociedade em geral. Essa transformação representa um passo importante para garantir que todas as vozes e experiências sejam reconhecidas e celebradas.

Na sexta estrofe, ocorre o que, na literatura, se chama de quebra da quarta parede, quando o eu lírico se dirige diretamente ao leitor. Remetendo ao discurso da segunda estrofe, ele diz: *You're a God, you're a hero, you survived all you been through. Confident, damn, you lethal*<sup>38</sup>. Trata-se de uma forma de elogiar e empoderar o sujeito em questão, reforçando os termos *God* e *hero*, evocando uma sensação de divindade e coragem excepcionais, ao mesmo tempo em que reconhece a força do indivíduo e sua capacidade de superar desafios significativos. Essa quebra cria uma conexão direta entre o eu lírico e a mulher negra e transgênero, demonstrando apoio, reconhecimento e celebração de sua identidade.

<sup>38</sup> Tradução nossa: Você é um Deusa, é uma heroína, você sobreviveu a tudo o que passou. Confiante, caramba, você é letal.

Posteriormente, após reforçar o discurso da terceira estrofe – em que afirma se sentir confortável em sua pele, com o que é, e como ama a si mesmo –, o eu lírico estabelece novamente uma relação direta com o leitor no segundo verso da oitava estrofe, ao dizer: *You hate me, 'cause you want me*<sup>39</sup>. Essa afirmação é direcionada à sociedade transfóbica e racista, sugerindo que o eu lírico percebe sinais de ódio ou discriminação devido à sua identidade de gênero e raça, mas, ao mesmo tempo, percebe que pode haver uma atração não declarada por parte daqueles que expressam esses sentimentos negativos. O verso funciona como provocação ou ironia, ressaltando a complexidade e a ambiguidade das emoções humanas.

O eu lírico finaliza a oitava estrofe com: *I'm swaggy, effortlessly. That's how God made me, so, pay me*<sup>40</sup>. Nesta interpretação, os versos expressam uma autoconfiança inabalável, na qual o sujeito afirma ser bem-sucedido e se aceitar completamente, sem necessidade de esforço adicional para alcançar o sucesso. Não se trata de egocentrismo, mas de uma referência a Deus, indicando aceitação de si mesmo como criação divina perfeita. A expressão *pay me* funciona como uma declaração assertiva: o sujeito merece ser reconhecido socialmente por suas conquistas, reforçando que, sendo quem é, deve colher os frutos de sua trajetória e resistência histórica.

Prestes a finalizar seu discurso, assim como na quarta estrofe, o eu lírico inclui um pensamento adicional dentro de parênteses: (*I'm probably one of the blackest black-black-black walking around here*), (*In this place*), (*I'm probably one of the blackest in this*), (*Black like that*)<sup>41</sup>. Esta nona e penúltima estrofe reflete a autopercepção de uma voz secundária, oferecendo uma possível perspectiva alternativa de uma mulher negra e transgênero, além do lugar em que se encontra. Ao afirmar ser uma das mais negras nesse espaço, o eu lírico evidencia consciência sobre representatividade racial, chamando atenção para a diversidade e a necessidade de reconhecimento e visibilidade de mulheres negras e transgêneros nesse contexto, como já analisado.

<sup>39</sup> Tradução nossa: Você me odeia, porque me queres.

<sup>40</sup> Tradução nossa: Eu sou um sucesso, sem esforço. Assim que Deus me fez, então, me pague.

<sup>41</sup> Tradução nossa: (Eu sou provavelmente uma das mais negras preta-preta-preta andando por aqui), (Neste lugar), (Eu sou provavelmente uma das mais negras nisto), (Preta assim).

Por fim, o eu lírico conclui sua perspectiva na décima e última estrofe, estabelecendo novamente uma conexão direta com o leitor ao dizer: *Unique. Unique is what you are...*<sup>42</sup> Essa expressão sugere a celebração da singularidade e da individualidade da mulher negra e transgênero a quem é dirigida. A repetição da palavra *unique* enfatiza a ideia de singularidade, destacando que o sujeito é verdadeiramente único e especial em sua individualidade. Reconhecer e celebrar essa singularidade é fundamental para promover maior aceitação e respeito pela diversidade de identidades e experiências. O verso funciona como estímulo para que não apenas a mulher negra e transgênero, mas todo e qualquer indivíduo, aceite e abrace plenamente sua própria singularidade, encorajando-o a sentir orgulho de quem é e a resistir às pressões externas de conformar-se a padrões preestabelecidos pela sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar o texto, percebe-se que o eu lírico cuidadosamente construiu essa narrativa com empatia e sensibilidade. O fato de a autora compartilhar da mesma identidade racial do sujeito, embora seja uma mulher cisgênero, demonstra atenção cuidadosa ao trazer a voz de alguém no lugar de sujeito negro e transgênero para o centro do texto. Isso evidencia a importância da solidariedade e da amplificação das vozes marginalizadas.

O texto aborda a relevância do lugar de fala como uma forma de desafiar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes, reconhecendo e validando as vozes de grupos historicamente marginalizados. Discute-se também o colorismo, destacando a diversidade de tons de pele entre negros e a complexidade das identidades raciais. A letra de *Cozy* reflete a experiência de pertencimento e autoaceitação de mulheres negras e transgênero, ao mesmo tempo em que analisa o impacto histórico e social do racismo na subjetividade desses sujeitos. Nesse sentido, a letra é vista como um meio de empoderamento, celebrando a singularidade das identidades e promovendo aceitação e respeito pela diversidade.

<sup>42</sup> Tradução nossa: Única. Única é o que você é...

O texto nos lembra ainda que a luta pela igualdade e pela justiça não deve ser restrita a um grupo específico, mas constituir uma causa coletiva, que exige empatia e apoio mútuo. A autora, como mencionado, é frequentemente citada como uma das artistas negras mais influentes e bem-sucedidas de sua geração, abordando questões relacionadas à identidade, orgulho negro e igualdade em seus projetos. Ao colocar em evidência essa voz, contribui para um diálogo mais inclusivo e enriquecedor, que nos ajuda a compreender a complexidade das experiências humanas e a construir um mundo mais equitativo e diverso.

Em síntese, compreende-se que a letra desempenha, de maneira excepcional, seu papel em prol da diversidade. A poética lírica envolvente e as letras inspiradoras não apenas indicam a multiplicidade de experiências humanas, mas também transmitem uma mensagem poderosa de inclusão e aceitação. A escolha de incorporar uma variedade de estilos e influências culturais sugere um compromisso genuíno com a representatividade, proporcionando um espaço verdadeiramente diversificado. *Cozy* não apenas entretém, mas se torna um veículo essencial para promover compreensão, empatia e celebração das diferenças. Em um mundo que busca cada vez mais a valorização da diversidade, a letra emerge como um exemplo notável de como a arte pode ser uma força catalisadora na construção de uma sociedade mais inclusiva e harmoniosa.

## REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *The danger of a single story*. In: TED Talks. Nova York, 2019. Disponível em: [https://www.ted.com/talks/chimamanda\\_ngozi\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story](https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story). Acesso em: 04/abril/2024.
- ALMEIDA, Deyse Pinto de. A identidade construída pela aparência: a moda negra no contexto norte-americano. *dObra[s] – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda*, [S. l.], v. 15, n. 30, p. 64–90, 2020.

- ANDREW, Gay History on Capri. *Oscar Wilde Tours*, 2015. Disponível em: <https://www.oscarwildetours.com/gay-history-on-capri/>. Acesso em: 18/novembro/2024.
- BAKER, Gilbert. *Rainbow flag: Origin Story*. [S. l.]: Gilbert Baker Foundation, [20--?]. Disponível em: <https://gilbertbaker.com/rainbow-flag-origin-story/>. Acesso em: 09/agosto/2024.
- BALDWIN, James. *Da próxima vez, o fogo: racismo nos EUA*. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.
- BISPO, Fábio; GUERRA, Andréa. *Cicatrizes da civilização: psicanálise em diálogo*. Vitória, ES: Edufes, 2023.
- BOIS, W. E. B. Du. *As almas do povo negro*. São Paulo: Veneta, 2021.
- CAPONE, Stefania. *Os yorubá do Novo Mundo: religião, etnicidade e nacionalismo negro nos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.
- COATES, Ta-Nehisi. *Entre o mundo e eu*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.
- CRENSHAW, Kimberlé. Mapeando as margens: interseccionalidade, políticas de identidade e violência contra mulheres não-brancas. *Revista Subjetiva*, Rio de Janeiro, v. 21, p. 1-28, 2017.
- FILHO, Arnaldo Gomes da. Sangue negro em peles brancas: o colorismo na obra a metade perdida, de Brit Bennett. In: ENCONTRO NACIONAL DE TEORIA DA LITERATURA E LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA, 2., 2022, Campina Grande. *Anais*. Campina Grande: Realize, 2022. Disponível em: [https://r.search.yahoo.com/\\_ylt=AwrEqIF0pwRpIwIA6Nbz6Qt.;\\_ylu=Y29sbwNiZjEEcG9zAzEEdnRpZAMEc2VjA3Ny/RV=2/RE=1763122292/RO=10/RU=https%3a%2f%2ffeditorarealize.com.br%2ffeditora%2fanais%2fconedu%2f2022%2fTRABALHO\\_COMPLETO\\_EV174\\_MD1\\_ID15429\\_TB3576\\_31102022142712.pdf/RK=2/RS=TegFmXc7\\_rUxNDoghkS\\_NaSVQDE-](https://r.search.yahoo.com/_ylt=AwrEqIF0pwRpIwIA6Nbz6Qt.;_ylu=Y29sbwNiZjEEcG9zAzEEdnRpZAMEc2VjA3Ny/RV=2/RE=1763122292/RO=10/RU=https%3a%2f%2ffeditorarealize.com.br%2ffeditora%2fanais%2fconedu%2f2022%2fTRABALHO_COMPLETO_EV174_MD1_ID15429_TB3576_31102022142712.pdf/RK=2/RS=TegFmXc7_rUxNDoghkS_NaSVQDE-). Acesso em: 31/outubro/2025.

- GUERRA, Renan. Em “Renaissance”, Beyoncé não apenas faz um convite para que o público retorne às baladas, mas repense sua relação com elas. *Scream & Yell*, 19/10/2022. Disponível em: <http://screamyell.com.br/site/2022/10/19/em-renaissance-beyonce-nao- apenas-faz-um-convite-para-que-o-publico-retorne-para-as-baladas-mas-repense-sua-relacao-com-esses-espacos/>. Acesso em: 11/ outubro/2023.
- HALL, Stuart. A identidade em questão. In: HALL, Stuart. *A identidade de gênero na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 12-13.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidade e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- HELLER, Eva. *A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão*. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.
- HOOKS, Bell. *E eu não sou uma mulher?: mulheres negras e feminismo*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.
- HOOKS, Bell. *Olhares negros: raça e representação*. São Paulo: Elefante, 2019.
- PORNHUB. *2024 Year in Review*. Pornhub, 2024. Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/2024-year-in-review>. Acesso em: 5/ dezembro/2024.
- RIGUINI, Renata; SILVA, Leandro. Tornar-se negro: entre a identificação e a alienação. In: BISPO, Fábio; GUERRA, Andréa. *Cicatrizes da escravidão: psicanálise em diálogo*. Vitória, ES: Edufes, 2023. pp. 244-261.
- TGEU. Will the cycle of violence ever end? TGEU’s Trans Murder Monitoring project crosses 5,000 cases. *Transrespect versus transphobia worldwide*, 2024. Disponível em: <https://transrespect.org/en/transmurder-monitoring-2024/>. Acesso em: 05/ dezembro/2024.

Texto recebido em 21/12/2024 e aprovado em 15/10/2025.